

# O JORNAL DAS CRIANÇAS: UMA PRÁXIS EDUCATIVA FUNDAMENTADA NO PENSAMENTO DE CÉLESTIN FREINET<sup>1</sup>

Dirlei de Azambuja Pereira<sup>2</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa objetiva problematizar a experiência de elaboração de um jornal escolar a partir da concepção cunhada pelo pedagogo francês Célestin Freinet. A obra central, para a reflexão feita neste estudo, é o livro *O Jornal Escolar*, de autoria deste pedagogo. Diante da compreensão do que trata esta técnica educativa, suas bases e suas potencialidades, a investigação caminhou para a organização, seguindo os princípios apontados por Freinet, de um jornal escolar com uma turma de pré-escola na E. M. E. I. Recanto Infantil, em Piratini/RS. Com base em um estudo qualitativo, de matriz participante, durante dois meses (agosto e setembro de 2011), houve a coleta de dados sobre o processo de edificação do impresso, o qual foi intitulado *Jornal das Crianças*. Auferiu-se ainda, neste período, os depoimentos dos sujeitos participantes da proposta levando em consideração suas opiniões sobre o trabalho construído. Conclui-se, na realização desta investigação, que com um aporte teórico substantivo, a práxis de elaboração de um jornal escolar oferece inúmeros contributos ao processo educativo. Entre essas contribuições, é possível citar: o surgimento de atitudes que agregam à formação plena da cidadania, a construção de um trabalho cooperativo e a constituição de um olhar crítico diante dos problemas sociais.

**Palavras-chave:** Célestin Freinet; jornal escolar; educação infantil.

## ABSTRACT

The present study aims to analyze the experience of developing a school newspaper from the conception coined by the French educator Célestin Freinet. The main title for reflection in this study is the book *O Jornal Escolar* (The School Journal), written by this teacher. Given the understanding of what this educational technical, bases and potential are about, the research was organized following the principles mentioned by Freinet from a preschool newspaper with a group of pre-school in E.M.E.I. Recanto Infantil, in Piratini/RS. Based on a qualitative study with a participant matrix, during two months (August and September 2011) it were collected data on the process of building the form, which was entitled *Jornal das Crianças* (Children's journal). It was also availed in this period the participants' speech of the proposal, taking into account their point of views. At the development of this research it is concluded that the practice of developing a school newspaper offers many contributions to the educational process. Among these contributions we can mention: the appearing of attitudes that is worth for the citizenship education, construction of a cooperative research and the constitution of a critical view on social problems.

**Keywords:** Célestin Freinet; school newspaper; childhood education.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

<sup>2</sup> Aluno do Curso de Mídias na Educação pela UFSM. Orientando da Profa. Msc. Rosana Cabral Zucolo.

## 1. PRIMEIRAS PALAVRAS<sup>3</sup>

O ato educativo na escola pública requer, na hodiernidade, que as práticas pedagógicas contribuam para a formação de educandos como sujeitos do processo ensino-aprendizagem e da história. Tal afirmação já se tornou corriqueira nos discursos que tratam sobre esta temática. Contudo, mesmo havendo tal movimento argumentativo, a efetivação de uma práxis que subsidie a conquista deste objetivo ainda não se concretizou na maioria das escolas. No que tange tal constatação, há que se observar que um dos entraves neste caminho diz respeito ao distanciamento da teoria em relação às práticas desenvolvidas pelos educadores. O afastamento, anteriormente citado, leva a um esvaziamento das potencialidades transformadoras de qualquer ação realizada no âmbito da escola. Portanto, este é um dos primeiros desafios a ser superado no cenário educacional.

Um segundo desafio que merece destaque é no tocante à vivificação do aprender. Por muitos anos as escolas (e as práticas desenvolvidas pelos educadores) se assentaram em um trabalho tradicional e alienante. Ao apresentar-se, no cotidiano das escolas, este modelo educacional, muitos autores lançaram olhares críticos sobre tal realidade e propuseram novas maneiras do vir-a-ser educativo. Célestin Freinet foi um destes filósofos que, ao logo de sua teoria, teceu relevantes contribuições sobre o tema aqui discutido. Mesmo depois de algumas décadas de sua produção, a obra de Freinet continua tão atual quanto na época em que fora escrita, seja porque os problemas levantados por ele não foram resolvidos, seja porque a mesma se constitui como um clássico<sup>4</sup>. Com efeito, a leitura/releitura da teoria freinetiana tem muito a contribuir para o processo educativo desenvolvido nas escolas.

Partindo destas primeiras palavras, em torno da educação na atualidade e das contribuições potencialmente oferecidas pela obra de Freinet, a presente

---

<sup>3</sup> É importante ressaltar, já no início deste artigo, que optei em utilizar, no transcórre do texto, a primeira pessoa já que esta pesquisa emerge da minha práxis profissional. Tal atitude ainda leva em consideração que as Normas Técnicas para a elaboração de Monografias, Dissertações e Teses da UFSM apenas aconselham (e não obrigam) o estilo impessoal na redação.

<sup>4</sup> Ítalo Calvino, em sua obra *Por que ler os clássicos*, apresenta quatorze motivos para a permanente leitura/releitura de um clássico. Dentre estes, creio que os seguintes merecem ser destacados diante da proposição de uma leitura/releitura das obras de Freinet: “4. Toda leitura de um clássico é uma releitura de descoberta como a primeira. 5. Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura. [...] 6. Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 2002, p. 11).

investigação busca problematizar a construção de um jornal escolar em uma classe de educação infantil. Tal proposta foi baseada no pensamento do pedagogo francês, principalmente nas considerações por ele traçadas nos livros *O Jornal Escolar*, *A leitura pela imprensa na escola* e *O texto livre*. A constituição desta práxis também teve como foco se aproximar substancialmente da efetivação de uma escola como propõe Freinet no livro *A Saúde Mental da Criança*:

A criança que sabe até que ponto a escola continua a vida chega com os olhos vivos, a boca confiante, as mãos cheias das riquezas que a fizeram parar pelo caminho. É a vida em toda a sua complexidade que vem bater como uma maré invencível nas paredes e nas portas da escola. Os nossos alunos têm tanto que dizer, tantas questões a pôr, tantas informações a obter, tantas coisinhas para mostrar: ramos de flores, frutos novos, insectos ou uma cobra, uma rocha ou um fóssil, livros e folhetos. Toda esta riqueza será o alimento de base da nossa escola: não é certamente neutra, metódica e fria como a dos manuais, pois cria-se de repente uma infinidade de problemas que os programas e os manuais não previam, mas para os quais é necessário encontrar uma solução. É um alimento vivo, ainda quente e palpitante, poderíamos dizê-lo, e portanto mais digerível e que devemos ter o cuidado de não bloquear ou falsificar. É um alimento natural, de que devemos beneficiar a cem por cento (FREINET, 1978, p. 101).

As práticas educativas que se apresentam no dia-a-dia do espaço escolar necessitam estar ancoradas na vida dos educandos. Somente ao tomar tal premissa como fundamental é que os educandários poderão construir um processo ensino-aprendizagem rico e significativo. Nesse movimento, a constituição de um jornal escolar será, certamente, um indispensável aliado na conquista deste horizonte.

## **2. CÉLESTIN FREINET E O JORNAL ESCOLAR**

### **2.1 Célestin Freinet: o pedagogo da ação vivificante na escola**

Célestin Freinet nasceu em 15 de outubro de 1896, na cidade de Gars, no sul da França. No ano de 1908, em Grasse, iniciou seus estudos na Escola Primária. Passados quatro anos, em 1912, na cidade de Nice, matriculou-se na Escola Normal de Professores. Três anos mais tarde, foi recrutado para combater na Primeira Guerra Mundial. No dia 23 de outubro de 1917, devido às ações dos gases tóxicos, seus pulmões foram afetados. Em virtude deste acontecimento, foi dada a sua baixa

do exército. Freinet, gravemente doente, passou a andar por vários hospitais sem esperança de cura.

Transcorrido um longo período de convalescença, ele voltou a trabalhar. Em 1º de novembro de 1920, em Bar-sur-Loup (aldeia situada no sul da França), foi nomeado como professor assistente, mesmo sem ter terminado o Curso Normal. Devido ao seu problema nos pulmões, Freinet não tinha condições de passar o dia dando aulas expositivas. Assim, ele comprou uma velha imprensa, dessas de fazer jornais, e colocou-a no coração de sua aula. Freinet e as crianças começaram a montar seus textos sobre as aulas-passeio que faziam. Em seguida, iniciaram a se comunicar, pelo correio tradicional, com outras escolas da França, de outros países da Europa e da África. O conteúdo dessas correspondências eram as suas produções (textos, desenhos e poesias). Nesta época ainda, ele formou uma Cooperativa de Trabalho.

Em 1926, casou-se com Élise, uma professora e artista plástica. A união com Élise também influenciou a produção teórico-pedagógica de Freinet. Junto com sua esposa, o pedagogo francês criou a revista *La Gerbe* (O Ramalhete). Esta era composta por poemas infantis. Fundou, em 1928, a Cooperativa de Ensino Laico. Neste mesmo ano, Freinet e Élise se mudaram para Saint-Paul-de-Vence e tornaram mais substantivo o seu trabalho, o qual estava voltado a uma educação popular.

De 1931 a 1933, diante da grande quantidade de correspondência produzida, decorrente das atividades realizadas na Escola e na Cooperativa, o trabalho de Freinet acabou originando desconfianças e hostilidades. Por este motivo, ele foi exonerado do cargo de professor e designado novamente para Bar-sur-Loup. Em 1934, pediu demissão e voltou a Vence. Lá, em outubro de 1935, abriu oficialmente a Escola Freinet.

Já em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, Freinet foi preso por ser considerado comunista e levado ao campo de concentração de Var. Na prisão, ele adoeceu. Mesmo assim, dava aulas para outros presos. Neste mesmo ano, sua Escola foi fechada.

Depois de liberto, no ano de 1941, Freinet ingressou no Movimento da Resistência Francesa. Em 1945, a Escola Freinet foi reaberta. Onze anos depois, em 1956, a Cooperativa lançou uma campanha nacional por vinte e cinco alunos por classe tendo em vista que havia um excesso de crianças nas salas de aula naquela

época. Passados os anos mais difíceis, ele continuou com sua produção teórica e pedagógica. No mundo todo, cresceu o interesse pela pedagogia freinetiana.

Ao propor uma teoria capaz de fornecer subsídios para a construção de um outro modelo societário, Freinet foi influenciado por filósofos importantes como Rousseau, Pestalozzi e Ferrière. Quanto à formação pretendida por sua pedagogia, Sá (1997, p. 56) afirma que “Freinet objetivava formar um homem crítico, colaborador, criativo, sintonizado com as questões de seu tempo e comprometido com os interesses da coletividade”. Se o horizonte de formação do homem era este, a escola, por sua vez, deveria ser concebida, de acordo com o pedagogo francês, “como um espaço dinâmico, vivo, em constante mutação” (MORAIS, 1996, p. 93). Freinet ponderou, conforme Morais (1996, p. 93), que a escola necessitaria:

[...] estar alerta ao novo e observar a rapidez com que avançam os meios de comunicação, a ciência, e a tecnologia, sem no entanto absorver estes avanços apenas pelo seu mero caráter de modernidade, mas utilizá-los para o desenvolvimento humano em busca de uma sociedade em que efetivamente se possa vivenciar a Liberdade, a Fraternidade e a Igualdade.

É por isso que Freinet, por meio de sua vida e sua obra, deixou um legado extremamente relevante para a educação mundial. Mesmo após a sua morte, em 8 de outubro de 1966, na cidade de Vence, a teoria freinetiana continuou a exercer influência nas práticas pedagógicas de educadores de muitos países. A obra de Freinet continua viva, ainda hoje, em cada sala de aula que segue os princípios propostos por ele.

## **2.2 O jornal escolar na concepção freinetiana: sua história, suas bases epistemológicas e as possibilidades oferecidas ao processo educativo**

O jornal escolar é uma das técnicas<sup>5</sup> Freinet que foi amplamente difundida em vários países. Ela apresenta, por estar assentada em princípios bem definidos e sólidos, inúmeras possibilidades às práticas escolares.

---

<sup>5</sup> Por conta de uma leitura apressada, muitos podem articular a palavra *técnica* a uma ideia simplista, uma vez que tal compreensão encontra vigor na sociedade utilitarista em que vivemos. Contudo, gostaria de alertar o leitor e a leitora que o vocábulo *técnica*, quando relacionado às ideias de Freinet e às suas criações, deve ser compreendido pelo viés de um método que possui bases epistemológicas substantivas e de que em nada se configura como uma ação mecanizada e superficial.

Célestin Freinet preocupou-se em esclarecer como se constrói tal dinâmica no âmbito de uma escola. Por este motivo, lançou *O Jornal Escolar*, uma obra rica em informações sobre este método. Mesmo antes da introdução do referido livro, ele apresenta quatro questionamentos que balizam o conteúdo do escrito: “O que é um jornal escolar?; Quais são os seus princípios de base, psicológicos, pedagógicos e técnicos?; Que serviços pode prestar-nos?; Que caminhos pedagógicos nos abre ou nos promete?” (FREINET, 1974, p. 9). Freinet, ainda nesta apresentação inicial de sua obra, declara que o jornal escolar seria, no futuro, “um dos principais elementos de uma pedagogia aberta para o mundo e para a vida” (FREINET, 1974, p. 9). E ele não estava equivocado!

Antes de adentrar propriamente na discussão sobre as bases que constituem o jornal escolar na perspectiva freinetiana<sup>6</sup>, penso ser relevante contextualizar o começo da criação de Freinet. Foi em uma pequena escola de Bar-sur-Loup, em 1924, que o pedagogo francês começou a sua técnica da Imprensa na Escola objetivando com esta “dar aos textos pensados, redigidos, escritos pelas próprias crianças, as honras da imprensa e da difusão através do jornal e do intercâmbio escolar” (FREINET, 1976, p. 12). Diante do exposto, acredito que duas observações devem ser feitas: a primeira seria em esclarecer que Freinet era um incansável crítico da escolástica<sup>7</sup> e, por este motivo também, propôs, ao longo de sua atividade profissional, métodos educativos que tivessem significado quando as crianças os realizassem. Um segundo apontamento a ser feito é em relação ao conteúdo dos jornais, já que estes eram compostos pelos textos produzidos pelos educandos em suas diversas experiências *no* e *com* o mundo. Ao inserir estas produções livres no jornal escolar, Freinet dava visibilidade às criações feitas pelas crianças e promovia o diálogo interescolar, uma vez que os jornais eram enviados a outras escolas.

---

<sup>6</sup> Ao comentar sobre o fato de que alguns jornalistas tentaram retirar o mérito de sua criação, buscando, na história da pedagogia, outras experiências que pudessem ser consideradas precedentes à sua técnica do jornal escolar, Freinet (1974, p. 17) afirma: “Diremos, no entanto, que só reconhecemos um ‘antepassado’: é a realização, depois da guerra de 1914-1918, pela *Escola Decroly* (Bélgica) do *Correio da Escola*, impresso na própria escola, segundo uma fórmula que explorámos e divulgámos. Tal filiação, de resto, não surpreenderá ninguém que saiba tudo o que devemos ao Dr. Decroly, que foi, sob muitos aspectos, o nosso inspirador”.

<sup>7</sup> A escolástica originou-se no Período Medieval e teve como o seu principal precursor o teólogo e filósofo São Tomás de Aquino (1224 – 1274). A principal crítica dirigida ao método escolástico diz respeito ao autoritarismo, ao dogmatismo e à passividade presentes nas práticas desenvolvidas na escola. Como os educandários eram subordinados à Igreja Cristã (e a mesma se confundia com o Estado), estes serviam como aparelhos ideológicos.

O jornal escolar, baseado na metodologia freinetiana, apresenta dois pressupostos que devem ser considerados: um diz respeito ao conteúdo, estando este ligado ao texto livre, e o outro no que concerne à técnica de impressão. Assim, o “*jornal escolar – método Freinet* é uma recolha de textos livres realizados e impressos diariamente segundo a técnica Freinet e agrupados, mês a mês, numa encadernação especial, para os assinantes e os correspondentes (FREINET, 1974, p. 19).

O texto livre, no contexto do jornal escolar, tem uma importância fundamental, visto que são as criações espontâneas das crianças que compõem esta mídia impressa. Ao argumentar em favor do texto livre na composição do jornal escolar, o pedagogo francês destaca que é este, e não as redações tradicionais que apresentam temas definidos, que sustentará tal técnica. Ao discorrer sobre como procede a elaboração do texto livre, Freinet (1974, p. 21) afirma:

Nas nossas classes, a criança conta primeiro e, mais tarde, escreve livremente aquilo que sente necessidade de exprimir, de exteriorizar, de comunicar aos que com ela convivem ou aos seus correspondentes. Não escreve uma coisa qualquer. A “espontaneidade” que tem sido tão discutida, não deve ser para nós uma fórmula pedagógica. A criança exprime-se inserida num contexto que nos cabe tornar o mais educativo possível, com objectivos que devemos englobar nas nossas técnicas de vida. Nas nossas escolas, a expressão livre infantil fica automaticamente socializada pela motivação que constitui para nós o jornal escolar e a correspondência. A partir de agora, a criança já não escreve apenas o que lhe interessa a ela; escreve aquilo que, nos seus pensamentos, nas suas observações, nos seus sentimentos e nos seus actos é susceptível de interessar os seus camaradas e de vir a interessar os seus correspondentes.

A escrita do texto livre não é uma ação desprovida de objetivos. Ela coaduna o mundo da vida dos sujeitos (e todos os movimentos que compõem este) com o ato de pronunciar ao outro o experienciado, o vivido. No intenso diálogo entre o texto livre e a constituição do jornal escolar, torna-se relevante comentar que o “*método Freinet*, baseado nos textos livres, a observação e experimentação através da própria vida, a expressão, sob todas as suas formas, literária, científica, artística, permite-nos reunir e apurar o conteúdo do jornal” (FREINET, 1974, p. 33).

O texto livre pode originar-se de qualquer situação experimentada pela criança: um passeio na floresta, a observação de uma determinada situação ocorrida no local onde mora, um poema lido ou algo que tenha sido importante no seu cotidiano pode fundamentar a escrita de um texto. Em virtude desta concepção, no

que tange o texto livre, é que Freinet (1974, p. 43) assevera que essa escrita natural baliza a ideia de que o jornal escolar contém “elementos da vida, traduzidos em páginas da vida”. Por falar em elementos da vida, é pertinente lembrar quatro pontos que também constituem a ideia do texto livre e, por conseguinte, do jornal escolar: a cidadania, a democracia, a cooperação e o trabalho produtivo. Estes eixos não subsidiam apenas a técnica do jornal escolar. Eles são pilares da Pedagogia Freinet. No que concerne a relação destes pilares com a temática aqui discutida, tomo a seguinte afirmação de Freinet (1974, p. 21):

O texto livre, escolhido por votos de mão levantada, é aperfeiçoado colectivamente, quer no que diz respeito à verdade do conteúdo, quer na sua forma sintáctica, gramatical e ortográfica. A obra que depois é dada aos pequenos tipógrafos é o resultado do nosso método natural de trabalho, que respeita o pensamento infantil mas contribui com o seu auxílio técnico, enquanto espera que a criança esteja em condições de caminhar pelo seu pé e de nos trazer textos e poemas que só teriam a perder com a nossa intervenção.

Ninguém aprende a ser democrático, a cooperar com outro, a ser cidadão e a trabalhar produtivamente se não praticar tais ações. A construção do jornal escolar, na perspectiva freinetiana, favorece estes aprendizados. A escrita do texto livre assim como a confecção do jornal escolar, além de potencializarem a aprendizagem de conhecimentos específicos relacionados à gramática, às ciências, à matemática, entre outros, contribui para a efetivação de uma aprendizagem para a vida, para o conviver com o outro em uma relação baseada no respeito e na amorosidade.

Independentemente da forma como poderia se apresentar o jornal escolar<sup>8</sup>, os pressupostos epistemológicos cunhados por Freinet deveriam estar presentes na realização desta proposta. Em relação às vantagens de seu método, o pedagogo francês declara que estas atingem três aspectos: o pedagógico, o psicológico e o social.

---

<sup>8</sup> Freinet (1974, p. 24-32) descreveu cinco tipos possíveis de elaboração, naquela época, de um jornal escolar. São eles: o jornal manuscrito (apresentado pela criança em uma folha específica); o jornal em linogravura (nesta técnica, as reportagens são gravadas em uma matriz, tintando-se a mesma para, a seguir, serem feitas as cópias através de uma prensa); o jornal policopiado (assemelha-se nesta impressão o mesmo processo de fazer cópias através do mimeógrafo – recurso existente em muitas escolas ainda hoje); o jornal limografado (para a confecção deste é utilizada uma impressora artesanal) e o jornal impresso (o processo de confecção deste jornal segue o mesmo modelo de impressão dos jornais habituais). Na elaboração de cada um dos jornais citados anteriormente, havia também a necessidade de um cuidado com os aspectos técnicos – forma e apresentação. Para tanto, Freinet (1974, p. 45-48) fala em cinco itens que devem ser observados, os quais cito: a boa impressão do jornal, o ajuste do texto, o cuidado com a composição das páginas, a perfeição do texto e a inexistência de gralhas e, por último, a necessidade de haver ilustrações no jornal produzido.



As vantagens que o jornal oferece, sob o olhar pedagógico, a partir da exposição feita por Freinet (1974), dizem respeito: à aprendizagem natural e viva das questões de gramática e de outros conhecimentos já que a construção dos textos se dá pelo processo da motivação constante por parte da criança; à troca de conhecimentos por meio do câmbio entre as escolas dos exemplares confeccionados; ao olhar permanente e indagador em relação ao outro e ao mundo; à constituição da memória viva da aula, pois há o registro de tudo o que nela aconteceu; ao trabalho desenvolvido como motivo de orgulho quando apresentado aos outros; à possibilidade de ligação, através do jornal, com a comunidade circundante à escola; à composição de um trabalho feito com esmero e responsabilidade, resultando em um belo produto e, à efetivação de uma aprendizagem realmente significativa sob diversos aspectos, como já dito.

Em relação às vantagens psicológicas, Freinet (1974) declara que a criança, trabalhando na elaboração do jornal escolar, harmoniza a sua vida escolar com a sua vida familiar; apreende a disciplina do trabalho; expressa-se livremente, libertando-se psiquicamente e exteriorizando seus problemas, suas angústias, seus medos, seus sonhos; labora produtivamente e está sujeita ao sucesso já que a mesma participa de um processo pedagógico que busca o êxito de suas realizações (o material produzido e apresentado no jornal escolar).

Já no tocante às vantagens sociais, Freinet (1974) assegura que a práxis com o jornal se assenta no trabalho em equipe e em cooperação e, que esta característica é importante para que a criança, no futuro, também trabalhe sob esta perspectiva em sociedade. Uma outra vantagem é na ligação entre escola e as famílias, pois os jornais produzidos servem de elo entre estes dois segmentos. Por fim, sob este aspecto, o pedagogo francês afirma que, ao confeccionarem seu jornal, as crianças estão quebrando o tabu de que os jornais produzidos pelos adultos apresentam verdades inquestionáveis. Nesse sentido, o leitor põe em prática o critério da dúvida como movimento instaurador na efetivação da consciência crítica, a qual é indispensável na formação da cidadania plena.

É relevante atentar, ainda no que trata sobre estas vantagens, que:

Na realidade, todas estas virtudes do jornal estão intimamente ligadas e são interdependentes. As vantagens sociais seriam muito frágeis se não tivessem como base uma reconsideração psicológica e pedagógica: e esta

não seria digna de confiança se não envolvesse simultaneamente e de um modo natural os aspectos sociais do problema (FREINET, 1974, p. 107).

Ao instaurar uma práxis com o jornal escolar na escola, cabe observar que esta deve ser, sempre, construída a partir do mundo da vida da criança, considerando seus sonhos e seus interesses, e não a partir do universo do adulto. Por isso é que o “jornal escolar não está, não pode estar, não deve estar ao serviço de uma pedagogia escolástica que lhe diminuiria o alcance. Deve estar, sim, à medida de uma educação que, *pela vida, prepara para a vida*” (FREINET, 1974, p. 78).

### **3. DA TEORIA DE CÉLESTIN FREINET À AÇÃO PEDAGÓGICA NA E. M. E. I. RECANTO INFANTIL (PIRATINI/RS): A CONSTITUIÇÃO DE UMA PRÁXIS EDUCATIVA – O JORNAL DAS CRIANÇAS**

#### **3.1 Sobre a metodologia da pesquisa: alguns apontamentos**

Ao buscar uma metodologia de pesquisa que pudesse abarcar a proposição do presente estudo e que levasse em consideração as observações e as ações dos sujeitos e do pesquisador inseridos neste movimento investigativo, optei pela metodologia qualitativa, sendo esta angariada pelo viés da pesquisa participante. Como uma primeira reflexão a ser feita sobre este construto metodológico, é salutar observar que na “pesquisa qualitativa a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados é essencial” (MINAYO, 1992, p. 105). Ampliando a afirmação anterior, ainda diria: esta interação somente ocorre, de forma plena, na medida em que o diálogo entre o pesquisador e os sujeitos partícipes do estudo se dá como um processo aberto, problematizador e constante<sup>9</sup>. Não há, neste movimento, um sujeito

---

<sup>9</sup> Ao falar em diálogo, creio que seja importante observar a seguinte fala de Brandão sobre este tema. Diz ele: “Antes de ser um diálogo entre mim e aqueles a quem vou me dirigir no processo de pesquisa, uma investigação científica é um diálogo sempre inacabado entre mim e aqueles que estão de algum modo envolvidos com temas, problemas, questões, perguntas, ações pedagógicas, tempos e espaços iguais, semelhantes, próximos ou convergentemente diferentes dos meus. E que, de algum modo, antes de mim, durante e depois de ‘mim’, colocaram ou estão colocando isso por escrito” (BRANDÃO, 2003, p. 308). Esta afirmação de Brandão é relevante tanto sob o aspecto da efetivação do diálogo na interação dos sujeitos participantes da pesquisa quanto sob o ângulo da construção do diálogo do pesquisador com os autores que realizam pesquisas sobre as mesmas temáticas abordadas por este. Penso ainda ser necessário, neste movimento, destacar que o “diálogo

que saiba mais e outro que saiba menos, como tanto proclamou Paulo Freire em seus escritos sobre educação. As pessoas, cabe registrar, possuem saberes diferentes e é nesta diversidade de conhecimentos que se constroem aprendizagens realmente significativas.

Ao tratar especificamente sobre a estrutura da pesquisa participante e utilizando os pressupostos acima mencionados, dialogo com Severino (2007, p. 120) quando diz que esta metodologia:

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação.

Tomando estas bases para a construção do caminho investigativo, a pesquisa proposta foi desenvolvida em uma turma de pré-escola (nível I), composta por nove educandos com idades entre quatro e cinco anos. A cada sexta-feira, durante dois meses, trabalhamos na elaboração do jornal escolar<sup>10</sup>. Contudo, nada impediu que diversos temas levantados pelas crianças em outros dias da semana pudessem ser discutidos e inseridos no impresso. Destaco que um ponto facilitador, na realização do estudo e no contato com as crianças, foi o fato de eu ser o educador titular da referida turma. Ao longo destes meses de investigação, foram produzidos dois exemplares do jornal, os quais foram distribuídos aos pais das crianças e enviados a uma classe de educação infantil de outra escola do município.

---

é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o 'pronunciam', isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos" (FREIRE, 1982, p. 43). O diálogo verdadeiro assenta-se na reflexão constante, na abertura ao saber do outro, na amorosidade, no pronunciamento da experiência individual-coletiva e contribui, por conseguinte, para humanização dos envolvidos neste processo.

<sup>10</sup> A escolha por um dia na semana para serem problematizadas as temáticas, as quais eram oriundas de situações vividas pelas crianças no transcorrer dos dias que antecediam os encontros, para, a partir delas, serem construídas as reportagens, emergiu da minha preocupação de, nesta primeira fase do trabalho, não sobrecarregar os educandos com tal proposta. Tomando as orientações teóricas de Freinet, quis inserir, da melhor forma possível, no trabalho com as crianças, uma dinâmica natural e substantiva de elaboração dos textos livres (construídos por meio da oralidade), os quais comporiam, mais tarde, o jornal escolar.

No que tange os procedimentos metodológicos adotados na realização da pesquisa, um cuidado tomado foi em relação à fala, a seguir apresentada, por André (2001, p. 57):

[...] percebo quão difícil é conciliar os papéis de ator e de pesquisador, buscando o equilíbrio entre a ação e a investigação, pois o risco de sucumbir ao fascínio da ação é sempre muito grande, deixando para o segundo plano a busca do rigor que qualquer tipo de pesquisa requer.

Uma vez esta precaução considerada, é ainda pertinente observar, em face ao planejamento e à sistematização dos achados do estudo, a recomendação de André (2001, p. 57):

Que o trabalho de pesquisa seja devidamente planejado, que os dados sejam coletados mediante procedimentos rigorosos, que a análise seja densa e fundamentada e que o relatório descreva claramente o processo seguido e os resultados alcançados.

Frente a estas considerações, no plano da metodologia, passo a expor a experiência construída: o *Jornal das Crianças*.

### **3.2 Os diálogos que constituem uma práxis: o *Jornal das Crianças***

Ao pensar a elaboração de um jornal escolar com crianças de quatro e cinco anos de idade, alguns questionamentos se apresentam: *É possível a construção de uma proposta com esta finalidade?, Como ela poderá se desenvolver?, Qual será o papel do educador no transcorrer deste processo?*

Partindo destas indagações, busquei, nas próprias obras de Freinet, as diretrizes que alicerçassem o caminho a ser trilhado. Em duas obras específicas, o pedagogo francês aborda sobre a questão da imprensa e do texto livre na educação infantil. No livro *O texto livre*, mais precisamente no item *No jardim de infância e na educação pré-escolar*, Freinet (1976, p. 26) declara: “É naturalmente neste grau que a prática do texto livre é mais fácil de introduzir nas nossas aulas, e com sucesso mais espetacular”. No escrito *A leitura pela imprensa na escola*, ele também fornece uma contribuição a essa questão: “É na Escola Maternal e Infantil que devemos procurar o verdadeiro sentido e o profundo alcance de nossa técnica da Imprensa na escola” (FREINET, 1977, p. 43).

É possível notar, a partir dos excertos acima, a crença de Freinet no trabalho com o texto livre e a imprensa na escola. Entretanto, como deverá proceder o educador na condução deste trabalho? O próprio Freinet (1976, p. 27) responde de forma muito clara:

Faremos como a mãe: ouviremos as nossas crianças falar livremente, prestando atenção a cada uma. Depois – e é aí que começa o papel eminente do pedagogo – detectaremos, nesta avalanche de histórias, as pistas que nos pareçam mais férteis para a tarefa que vamos empreender. Redigimos assim um texto, de duas, ou três linhas no máximo, que será a expressão actual da nossa aula. Inicialmente serão histórias normais de crianças, que não deixam entretanto de ser elementos muito importantes da sua vida.

Tomando este indicativo de Freinet, minha postura foi, neste momento, ser um bom ouvinte das histórias que as crianças me contavam e um escriba que passava para o papel as suas falas tão cheias de vida. Por alguns instantes, também era aquele que problematizava certas afirmações.

Em um primeiro contato, conversamos sobre o que entendiam por jornal. Os comentários dos educandos versaram tanto sobre o jornal televisivo quanto sobre o jornal impresso. Paula<sup>11</sup>, uma das crianças da classe, comentou: “Jornal é quando umas coisas acontecem no País e aí aparecem no Jornal Nacional”. Eliana completou a fala da colega afirmando que este era também “pra ver se vai tá chovendo, se vai tá nublado ou se vai dá temporal. Dá pra ver as outras coisas, os acidentes...”. Outros educandos, diante da interrogativa, fizeram suas declarações partindo da ideia impressa deste veículo de informação, conforme é possível observar na afirmação de Luana: “O jornal é pra saber das notícias”. Letícia, que baseou sua argumentação no tipo de jornal observado por Luana, disse: “No jornal tem histórias que a gente lê”.

Desenvolvido este primeiro diálogo, o movimento seguinte foi comentar com as crianças que iríamos confeccionar um jornal a partir das nossas vivências. Mas, antes, deveríamos escolher um nome para ele. Em meio a tantas sugestões, elenquei, no quadro-negro, uma a uma e, após, fizemos uma votação. O nome

---

<sup>11</sup> Utilizo pseudônimos na transcrição das falas dos educandos. Gostaria ainda de frisar, no que diz respeito às falas, que conservo, no presente texto, a narrativa literal apresentada pelas crianças não corrigindo, por conseguinte, eventuais equívocos de expressão quanto à norma culta. Tal decisão (a de não fazer a correção das falas) deve-se ao fato de que, ao transcrevê-las tais como foram ditas, permito ao leitor interagir, o mais próximo possível, com o contexto da investigação e com os participantes da mesma bem como preservo a riqueza do conteúdo fornecido pelos educandos.

escolhido foi: *Jornal das Crianças*. Quando perguntei o motivo pelo qual haviam gostado deste nome, Leticia rapidamente respondeu: “Porque nós somos crianças e o jornal é nosso”. Como pesquisador, fiquei, neste instante muito satisfeito com a fala da menina, pois a mesma mostrava o interesse despertado pela proposta de trabalho como ainda o sentimento de pertencimento em relação a esta atividade.

Escolhido o nome do jornal, todas as sextas-feiras trabalhávamos na elaboração das reportagens que fariam parte do impresso. Os conteúdos que fundamentavam estas reportagens eram os assuntos que tinham sido importantes no transcorrer da semana e que possibilitavam um debate mais saboroso do ponto-de-vista do envolvimento e da significatividade dos temas em relação aos educandos. Naturalmente, diante destes diálogos, foram surgindo as seções do jornal, sendo elas: *Opinião* (local destinado a algum comentário emblemático feito durante a semana por um educando), *Espaço Ateliê* (no qual são divulgados desenhos, músicas e fotografias de atividades artístico-culturais desenvolvidas pela classe), *Entrevista* (a cada mês, as crianças escolhem uma pessoa da comunidade para ser entrevistada), *Recados do Coração* (nesta seção, as crianças enviam recadinhos a pessoas de sua família e a amigos) e *Assunto Importante* (neste item, os textos livres produzidos oralmente pelas crianças são divulgados. As temáticas destes escritos estão relacionadas a questões sociais, culturais, comportamentais e de saúde observadas e/ou vivenciadas pelos educandos em seu cotidiano).

Comentando sobre um dos temas trabalhados na seção *Assunto Importante*, em um determinado dia, fizemos uma aula-passeio<sup>12</sup> no entorno da escola. De início, os educandos notaram a quantidade de lixo jogado nas ruas. De posse de uma câmera digital, as crianças foram registrando o observado. Ao chegarmos na sala de aula, o assunto sobre o lixo tomou conta das discussões e tal debate proporcionou a elaboração oral de um texto livre, o qual registrei para ser apresentado no jornal escolar. Passados alguns dias, uma mãe comentou comigo que a sua filha, em um certo dia, quando passeava juntamente com ela e com o irmão, notou que este ia jogar um plástico de bala na rua. Rapidamente a menina, de cinco anos, pediu que o irmão jogasse o papel na lixeira, pois este, caso atirasse o plástico na via pública,

---

<sup>12</sup> Para Cordeiro (1997, p. 102): “A aula-passeio possibilita a relação permanente com o contexto. Permite a leitura do real, fazendo-se, entretanto, necessária a sua problematização que é uma caminhada permanente na busca da não reprodução das relações sociais injustas existentes, levando em sua passagem indivíduos, grupos e classes. É uma caminhada conflituosa, mas a preocupação e a intenção de ver a realidade como ela é e de superá-la, existe”.

prejudicaria o escoamento da água em dias de chuva. Reportando-me aos debates realizados em sala de aula em torno da temática lixo, recordo-me que conversamos sobre este problema já que, próximo à escola, havia um bueiro com muito lixo dentro e em volta do mesmo. Avaliando o relato da mãe da educanda, creio que a aula-passeio desenvolvida naquele dia (a qual subsidiou o texto livre produzido) foi significativa para a menina.

Assim como o relato anterior, outros acontecimentos ocorridos em aula se tornaram marcantes para as crianças pois, além destes estarem relacionados ao seu cotidiano, compuseram as páginas do jornal por elas produzido. É devido a esta característica própria da pedagogia freinetiana, que o pedagogo francês afirma:

Por meio da imprensa e do jornal escolar, os “momentos” memoráveis da vida da classe são fixados definitivamente sob uma forma que desafiará os anos, como aquelas fotografias de família a que a luz dos séculos não conseguirá nunca apagar os traços. Esquecemos o que abrangia o programa escolar de uma certa segunda-feira, mas lembramo-nos do pedaço de vida que redigimos e imprimimos, do jornal no qual foi incluído, dos desenhos e linos que o realçavam, das impressões trocadas, das interrogações feitas e das respostas obtidas, dos textos lidos e dos poemas saboreados (FREINET, 1974, p. 83-84).

Manter esta vigorosidade e esta significatividade, de forma constante, no desenvolver desta técnica, é um dos grandes desafios enfrentados pelo educador que se aventura por esta práxis. Para tanto, é necessário que seja visto:

[...] o papel do professor como de orientador, de desafiador, que não se contentará em satisfazer os interesses, às necessidades; buscará despertar novos interesses, intensificará a pesquisa, proporá conteúdos compatíveis com as experiências dos alunos, mobilizando-os para a participação ativa na construção do conhecimento como resultante da interação conteúdo-realidades sociais (SÁ, 1997, p. 60).

Ser um mediador-problematizador de aprendizagens no transcorrer do trabalho com o jornal escolar é a tarefa primordial do educador. A partir de uma tomada de consciência da necessidade desta postura, a práxis com o jornal escolar favorecerá o fortalecimento de valores bem como o despertar de indagações que levarão à efetivação de uma conduta investigativa e crítica, por parte das crianças, diante daquilo que circunda o seu cotidiano. Ao dissertar sobre este aspecto, outro assunto que despertou interesse dos educandos foi o tema *Drogas*. Também originado de uma aula-passeio, quando os educandos encontraram um cigarro

jogado em uma calçada próxima à escola, tal foi a curiosidade aguçada que realizamos um projeto sobre a temática.

A partir dos diálogos construídos, foi possível interagir, por meio das falas das crianças, com o cotidiano de suas famílias e observar a presença (ou não) de tal vício entre seus familiares. Jéssica, por exemplo, relatou que seu avô fumava e que deveria parar com tal vício por recomendação de sua médica. Além deste comentário, outros educandos relataram situações envolvendo esta droga lícita. Diante das declarações apresentadas, realizamos pesquisas, assistimos a vídeos e desenvolvemos diversas atividades. O conjunto deste trabalho será apresentado em uma edição especial do jornal. Cabe ponderar que a busca pela efetivação de um profundo debate sobre este tema está assentada na construção de uma práxis educativa que favorece a solidificação de valores que possibilitam o surgimento de vivências saudáveis, por parte das crianças, em seu futuro.

Frente a alguns dos assuntos citados, os quais permearam as reportagens realizadas, é relevante evidenciar que *a construção de uma escola viva*<sup>13</sup>, para as crianças envolvidas no processo, e *a formação plena da cidadania*<sup>14</sup>, por parte das mesmas, são pilares que também sustentam a proposta deste jornal.

---

<sup>13</sup> Paiva (1996, p. 11), subsidiada na teoria freinetiana, declara que: “A escola, na sua concepção, deve ser ativa, dinâmica, aberta para o encontro com a vida, participante e integrada à família e à comunidade – contextualizada, enfim, em termos culturais. Nessa escola, a aquisição do conhecimento deve processar-se de maneira significativa e prazerosa, em harmonia com uma nova orientação pedagógica e social em que a disciplina é uma expressão natural, consequência da organização funcional das atividades e da racionalização humana da vida escolar”. É em virtude de tal pressuposto que o “grande desafio da escola passa a ser o de construir espaços e metodologias que possibilitem o aprender por prazer, o (re)construir, o criticar e o criar. É preciso privilegiar os espaços/tempos educativos que oportunizem vivenciar a prática pedagógica verdadeira, democrática, solidária, afetiva, pois se educa muito mais na subjetividade, na congruência, no tipo de relação professor/a e aluno/a, vivenciada pelo exemplo e pelo olhar, com desafio à criatividade e à criticidade” (MELLO, 2002, p. 81).

<sup>14</sup> Ao tratar sobre o tema, diálogo com Freire (2001, p. 129) quando assevera que a “cidadania está referida diretamente à história das pessoas e tem que ver com uma outra coisa muito mais exigente que é a assunção da história da pessoa. Tem que ver com o assumir a sua história na mão, quer dizer, não há cidadania sobre quem faz a história. [...] A história não é feita de indivíduos, ela é socialmente feita por nós todos e a cidadania é o máximo de uma presença crítica no mundo da história por ela narrada. Então vocês vejam a cidadania como sendo isso. A cidadania não é apenas o fato de ser um cidadão que vota. [...] O conceito de cidadania vem casado com o conceito de participação, de ingerência nos destinos históricos e sociais do contexto onde a gente está”. Na mesma esteira de argumentação, Jacobi (2003, p. 199) afirma: “A educação para a cidadania representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação em potenciais caminhos de dinamização da sociedade e de concretização de uma proposta de sociabilidade baseada na educação para a participação”.



Destaco ainda, no que concerne o trabalho desenvolvido, que foram sempre observadas as trinta *Invariantes Pedagógicas*<sup>15</sup> elencadas por Freinet bem como agregada à proposta desenvolvida os princípios do *Tateamento Experimental*<sup>16</sup>. Diante de todos estes subsídios teóricos apresentados pela teoria freinetiana, acredito que a constituição do *Jornal das Crianças* vem se consolidando como uma importante práxis no cotidiano desta turma. Tomo, ao finalizar parcialmente estas considerações, a declaração de Marina em uma das avaliações do trabalho: “Eu gosto de fazer o jornal, sabe por quê? Porque a gente passeia, pesquisa, tira foto e aprende um monte de coisas. Eu acho bem legal fazer o jornal!”. Tal fala me faz acreditar que outros preeminentes debates, os quais poderão ser fundantes na formação destas crianças, efetivar-se-ão com a continuidade deste projeto.

#### **4. A TÍTULO DE CONCLUSÃO: AS PALAVRAS INCONCLUSAS DE UM PROCESSO DE PESQUISA**

Conclui-se realmente um estudo quando ele está tão presente e em movimento no cotidiano de um pesquisador? O questionamento, que ora proponho, pretende dizer que esta investigação não chega ao seu fim com a apresentação deste escrito. Ela é um caminhar. E como todo caminhar está sempre em processo de mover-se, de buscar outros lugares ainda não vislumbrados ou atingidos. Entretanto, posso falar, para não correr o risco de não escrever uma *conclusão*, é que teóricos como Freinet precisam ser, sempre, lidos/relidos. Não por modismos que, em determinadas épocas, evidenciam alguns autores e rebaixam outros. Freinet precisa ser constantemente confrontado com os dilemas educacionais hodiernos. Necessita ser trazido para o debate porque possibilita, através de seus

---

<sup>15</sup> De acordo Sampaio (1994, p. 81), Freinet estruturou as Invariantes em três grupos: a) em relação à natureza da criança (da número um a número três); b) em relação às reações da criança (da número quatro a número dez – b); c) em relação às técnicas educativas (da número onze a número trinta). Para um maior esclarecimento sobre as trinta *Invariantes Pedagógicas*, ver: SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet: evolução histórica e atualidades**. São Paulo: Editora Scipione Ltda, 1994.

<sup>16</sup> Conforme Paiva (1996, p. 14): “Toda aprendizagem natural está subordinada ao tateamento experimental – trabalho de pesquisa reflexiva sobre os mais diversos materiais físicos ou mentais, aptidão para observar, manipular, relacionar, emitir hipóteses, verificá-las, aplicar leis e códigos, compreender informações cada vez mais complexas. É caminhando que a criança aprende a caminhar; é escrevendo que ela aprende a escrever; é expressando-se que ela aprende a dominar sua linguagem, a conhecer-se e a conhecer os outros. Por meio de tateios, a criança realiza uma trajetória científica, criando regras de vida baseadas na experiência e na vida, segundo seu ritmo próprio”.

textos e de sua história pessoal e profissional, a construção de um outro espaço escolar-público, no qual a vida (como ponto de partida) e a esperança crítica (como mola propulsora) conduzam os educandos para se situarem espaço e temporalmente no mundo, transformando-o em um lugar humanizado e humanizante.

Ao construir o caminho para este outro modelo social, a práxis educativa baseada em um jornal escolar torna-se relevante, já que a mesma favorece o trabalho com diferentes habilidades e competências. O espírito investigativo, a leitura crítica, a construção do ser autônomo e a percepção da realidade são algumas, entre tantas outras, que podem ser mencionadas. Ao elaborar, juntamente com os educandos de uma classe de educação infantil, um jornal escolar, creio que o primeiro movimento foi iniciado. No transcorrer da caminhada, haverá muitos desafios a serem transpostos. Contudo, o sonho possível de construção de uma escola viva e de uma educação de qualidade irá impulsionar cada passo. E o jornal escolar, possibilitando contribuições, desde a educação infantil, será, sem dúvida alguma, um relevante aliado na conquista deste horizonte.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, n.113, p.51-64, jul./2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CORDEIRO, Waldília Neiva de Moura Santos. A Contribuição de Freinet para a Formação Político-Social na Escola. In: MORAIS, Maria de Fátima (Org.). **Freinet e a escola do futuro**. Recife: Bagaço, 1997. p.101-109.

FREINET, Célestin. **A leitura pela imprensa na escola**. Trad. Ana Barbosa. Lisboa: Dinalivro, 1977.

\_\_\_\_\_. **A Saúde Mental da Criança**. Trad. Clara Felgueiras. Lisboa: Edições 70, 1978.

\_\_\_\_\_. **O Jornal Escolar**. 2. ed. Trad. Filomena Quadros Branco. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

\_\_\_\_\_. **O texto livre**. 2. ed. Trad. Ana Barbosa. Lisboa: Dinalivro, 1976.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 6. ed. Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

JACOBI, Pedro. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n.118, p.189-205, mar./2003.

MELLO, Elena Maria Billig. Reflexões sobre o currículo e as práticas pedagógicas. In: CAMARGO, Ieda (Org.). **Currículo escolar: propósitos e práticas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p.77-82.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: NUCITEC – ABRASCO, 1992.

MORAIS, Maria de Fátima. A Pedagogia Freinet e a Formação da Cidadania. In: ELIAS, Marisa Del Cioppo (Org.). **Pedagogia Freinet: Teoria e prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1996. p.89-99.

PAIVA, Yolanda Moreira S. Pedagogia Freinet: seus princípios e práticas. In: ELIAS, Marisa Del Cioppo (Org.). **Pedagogia Freinet: Teoria e prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1996. p.9-20.

SÁ, Maria Lecy Araújo de. Possibilidades e Limites de Aplicação da Pedagogia Freinet na Educação Brasileira. In: MORAIS, Maria de Fátima (Org.). **Freinet e a escola do futuro**. Recife: Bagaço, 1997. p.55-61.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet: evolução histórica e atualidades**. 2. ed. São Paulo: Editora Scipione Ltda, 1994.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

Universidade Federal de Santa Maria. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. **Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses**: MDT/Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Biblioteca Central, Editora da UFSM. 7. ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2010.